Revista Diversidade e Educação

NÃO MONOGAMIA E ESTIGMA RACIAL: O ESTEREÓTIPO DE "PLAYER" ("PEGADOR") SOBRE HOMENS NEGROS POLIAMOROSOS[1]

NO MONOGAMIA Y ESTIGMA RACIAL: EL ESTEREOTIPO DE 'PLAYER' ('MUJERIEGO') SOBRE HOMBRES NEGROS POLIAMOROSOS.

NON-MONOGAMY AND RACIAL STIGMA: THE 'PLAYER' STEREOTYPE ABOUT BLACK POLYAMOROUS MEN

Justin Leonard Clardy[2]

Tradução e revisão técnica:

Rhuann Fernandes[3]

Macaulay Pereira Bandeira[4]

RESUMO

Este artigo mostra como a amatonormatividade e as pressões sociais que a acompanham convergem nas interseções de raça, gênero, relacionamento romântico e sexualidade para gerar desafios peculiares aos homens afro-americanos poliamorosos na sociedade americana. Ao contrário da visão defendida pelo fenômeno "vadia *versus* garanhão", afirmo que o rótulo "jogador", quando aplicado a homens afro-americanos poliamorosos, funciona como um estereótipo pernicioso e tem efeitos depreciativos. Especificamente, argumento que estereotipar os homens afro-americanos poliamorosos como jogadores os

[1] Nota de tradução: mantivemos "*player*" como categoria nativa do contexto afro-americano e, no título, explicitamos sua aproximação com o equivalente coloquial do português brasileiro "pegador". Em português, termos como "garanhão" e "pegador" operam no mesmo campo semântico e são preferíveis a "jogador", por preservarem a conotação depreciativa corrente. O título original do artigo é *'I Don't Want To be a Playa No More': An Exploration of the Denigrating effects of 'Player' as a Stereotype Against African American Polyamorous Men*, publicado em *Analize: Journal of Gender and Feminist Studies* (Analise: Revista de Estudos de Gênero e Feministas), no ano de 2018. A publicação desta tradução foi autorizada pelo autor do artigo em conjunto com os editores executivos da revista citada.

[2] Doutor em Filosofia. Santa Clara University, Califórnia, Estados Unidos da América (EUA).

[3] Doutorando em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

[4] Mestre em Estudos Africanos pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

(cc) BY-NC-SA

afasta de si e restringe sua capacidade de ação ao excluir preventivamente o conjunto de possibilidades do que podem ser as identidades sexuais ou românticas de cada um.
PALAVRAS-CHAVE: Não monogamia. Amor. Raça. Estereótipos.

RESUMEN
Este artículo muestra cómo la amatonormatividad y las presiones sociales que la acompañan convergen en las intersecciones de raza, género, relaciones románticas y sexualidad para generar desafíos peculiares para los hombres afroamericanos poliamorosos en la sociedad estadounidense. A diferencia de la visión defendida por el fenómeno «vagabunda versus estudiante», sostengo que el rótulo «player» (mujeriego), cuando se aplica a hombres afroamericanos poliamorosos, funciona como un estereotipo pernicioso y tiene efectos depreciativos. Específicamente, argumento que estereotipar a los hombres afroamericanos poliamorosos como «player» los aleja de sí mismos y restringe su agencia al excluir de antemano el conjunto de posibilidades de lo que pueden ser las identidades sexuales o románticas de cada quien.
PALABRAS-CLAVE: No monogamia. Amor. Raza. Estereotipos.

ABSTRACT
This paper shows how amatonormativity and its attendant social pressures converge at the intersections of race, gender, romantic relationality, and sexuality to generate peculiar challenges to polyamorous African American men in American society. Contrary to the view maintained in the "slut-vs-stud" phenomenon, I maintain that the label 'player' when applied to polyamorous African American men functions as a pernicious stereotype and has denigrating effects. Specifically, I argue that stereotyping polyamorous African American men as players estranges them from themselves and it constrains their agency by preemptively foreclosing the set of possibilities of what one's sexual or romantic relational identities can be.
KEYWORDS: Non-monogamy. Love. Race. Stereotypes.

* * *

Não quero mais ser um playa.
Big Pun

No caso dos homens negros, sua subordinação como minoria racial mais do que anulou suas vantagens como homens na sociedade em geral. Qualquer compreensão de sua experiência terá que vir de uma análise dos problemas complexos que eles enfrentam como negros e como homens.
Robert Staples

Introdução

No dia 12 de fevereiro de 2014, preparei-me para dar uma palestra na Universidade de Arkansas sobre poliamor.[5] Eu queria usar minha posição como homem poliamoroso

[5] Ver: ON POLYAMORY: urfavfilosopher: (full talk part 1). Fayetteville, AR [*s. n.*], 2013a. 1 vídeo, (18 min 21 s). Publicado pelo canal Justin Clardy. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=uj9-YxGAe84. Acesso em: 17 ago. 2025; ON POLYAMORY: urfavfilosopher: (full talk part 2). Fayetteville,

(cc) BY-NC-SA

afro-americano (AAPM) para desenvolver uma conversa mais abrangente sobre poliamor e identidade queer (Melita J. Noël, 2006).[6] Como o momento era particularmente próximo ao Dia dos Namorados — um feriado americano que celebra os pares amorosos monogâmicos — achei perfeitamente apropriado dar uma palestra que desafiasse as suposições inquestionáveis do público sobre amor romântico e relacionamentos. No entanto, eu não estava preparado para ser desqualificado[7] por um antigo amigo próximo:

> Amigo: Você já decidiu sobre o que vai falar na palestra de amanhã?
> Eu: Sim, acho que vou levar adiante a ideia do poliamor.
>
> Amigo: Por quê? Não acredito que você vai mesmo dar uma palestra sobre poliamor no Dia dos Namorados.
>
> Eu: Por que não? Se a conversa for sobre amor romântico, acho importante expandir o escopo da representação do que isso pode parecer.
>
> Amigo: (suspira frustrado) Você realmente vai chegar lá e dar às pessoas uma justificativa acadêmica para traição e ser um jogador? Estou realmente desapontado com você.
>
> Eu: Por quê?
>
> Amigo: Porque essa palestra será um passo atrás para os negros.

Essa talvez tenha sido a primeira, mas certamente não foi a última vez que minha identificação como homem cisgênero, heterossexual, afro-americano e poliamoroso foi alvo de ataques por se desviar do roteiro social do amor romântico nos Estados Unidos. Meu objetivo neste artigo é ilustrar como o rótulo de "jogador" tem efeitos nocivos e depreciativos quando aplicado a AAPM simplesmente devido a seus estilos de vida

AR [*s. n.*], 2013b. 1 vídeo, (18 min 41 s). Publicado pelo canal Justin Clardy. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=RlTMoFZP0fY&t=2s. Acesso em: 17 ago. 2025.

[6] O acrônimo AAPM refere-se ao *african american polyamorous man* (homem poliamoroso afro-americano). Aqui, é importante qualificar seu uso: minha perspectiva se estende a partir da minha posição como homem afro-americano cisgênero heterossexual. Dessa forma, usarei o termo para fazer referência à constelação desses marcadores de identificação. Isso pode parecer minimizar, apagar ou deixar de representar as experiências de homens afro-americanos poliamorosos cujas identidades sexuais estão localizadas em diferentes pontos do espectro sexual, como homens afro-americanos poliamorosos que são bissexuais, gays, pansexuais ou assexuais. O leitor deve ter em mente, entretanto, que parte da metodologia empregada neste trabalho é autobiográfica. Como resultado, minha análise das sexualidades poliamorosas não é exaustiva. Em vez disso, afirmo que minhas experiências são teoricamente úteis para explorar as conexões entre a amatonormatividade e a heteromasculinidade na produção de hierarquias raciais e de gênero.

[7] Nota de tradução: optamos por "desqualificado" em lugar de "denegrido" (tradução literal de *denigrated*, utilizado originalmente no artigo) para evitar um termo cuja historicidade no português brasileiro é racializada e seu uso desaconselhado por movimentos sociais negros. A escolha preserva o sentido de desmerecimento/deslegitimação do original sem reforçar conotações racistas.

(cc) BY-NC-SA

poliamorosos. Argumento que, entre outros malefícios, esse rótulo funciona como um estereótipo e acarreta uma série de danos morais, incluindo os efeitos depreciativos de alienar os AAPM de si, além de restringir sua liberdade.

Algumas feministas acreditam que existe uma assimetria na sanção de comportamentos não monogâmicos ou promíscuos entre homens e mulheres. Procuro mostrar, no entanto, que, em sociedades amatonormativas, às vezes os AAPM enfrentam desafios peculiares gerados nas interseções de suas identidades raciais, românticas e sexuais. A amatonormatividade é a suposição predefinida de que relacionamentos monogâmicos, românticos (e geralmente heterossexuais) que levam ao casamento são a forma ideal de relacionamento romântico e um objetivo universal (Elizabeth Brake, 2012).

Por exemplo, em minhas próprias experiências como AAPM, muitas vezes fui rotulado de "jogador" quando revelava minha identidade poliamorosa. Na cultura afro-americana, o rótulo "jogador" normalmente denota algo problemático sobre as identidades românticas, e às vezes sexuais dos homens, indicando que o sujeito é um "mulherengo", "traidor" ou, de outra forma, antieticamente não monogâmico. Neste artigo, procuro mostrar como a amatonormatividade e as pressões sociais que a acompanham geram desafios peculiares para os AAPM na sociedade americana.

Antes de começar, gostaria de fazer alguns esclarecimentos. Neste artigo, entendo poliamor como a participação em relacionamentos românticos extradiádicos com consentimento mútuo entre todas as partes e pessoas poliamorosas como aquelas que negociam desejos voltados a relacionamentos românticos extradiádicos consensuais.[8] As pequenas diferenças nas minhas definições de poliamor e de pessoas poliamorosas, respectivamente, visam a explicitar que alguém pode ser poliamoroso sem, no momento, participar de um relacionamento romântico extradiádico.[9]

[8] Aqui enfatizo a "prática de negociar desejos" em vez de simplesmente ter o desejo ou o interesse em relacionamentos românticos consensuais extradiádicos. A razão para isso é que algumas pessoas sentem esses desejos como indignos de serem endossados ou negociados, mas sim repudiados — talvez a serviço do cumprimento de seu compromisso com um relacionamento romântico monogâmico ou com o que elas consideram ser sua própria identidade monogâmica. Em casos como esse, não acredito que as pessoas em questão sejam poliamorosas, mesmo que se encontrem com o que, superficialmente, pode parecer um desejo poliamoroso. Embora eu não tenha espaço para abordar suficientemente essa questão aqui, gostaria de agradecer a Liam Kofi Bright por ter me incentivado a esclarecer esse ponto.

[9] Nota de tradução: adotamos poliamor para o conceito/arranjo relacional e pessoas poliamorosas para a identidade/orientação, acompanhando a literatura norte-americana que distingue prática e autoidentificação. Assim, preserva-se a ideia de que alguém pode identificar-se como poliamoroso ainda que não esteja, presentemente, engajado em vínculos extradiádicos consensuais.

(cc) BY-NC-SA

Embora me limite a falar sobre um estereótipo relativo ao AAPM, não quero dizer que os poliamorosos que não são AAPM estejam imunes. É provável existirem estereótipos sobre pessoas poliamorosas de vários grupos raciais e étnicos e, de fato, estereótipos especialmente prejudiciais que merecem um tratamento mais extenso que eu possa fornecer aqui. Também devo estipular que meu entendimento de estereótipos segue a definição de Lawrence Blum (2004), segundo a qual "estereótipos são associações falsas ou enganosas entre um grupo e um atributo mantidas de maneira rígida, resistentes à contraprova" (Blum, 2004, p. 288).[10]

Para Blum (2004), os estereótipos são uma forma de consideração moralmente errônea acerca das pessoas, pois necessariamente deixam de reconhecer a diversidade interna dos grupos e as identidades dos indivíduos estereotipados ao manter associações falsas ou enganosas entre o indivíduo e algum grupo ao qual se acredita que pertença. Enquanto também sustento que os estereótipos se baseiam nesse tipo de associação falsa ou enganosa, entendo que tais danos estão presentes no caso da estereotipação de homens afro-americanos poliamorosos (AAPM).

Contudo, minha proposta amplia a de Blum (2004) ao mobilizar a análise de Lauren Freeman (2017) sobre os danos corporificados que os estereótipos perpetuam. Desse modo, evidencio danos dirigidos aos AAPM que escapam ao escopo de Blum (2004). Os fatores interseccionais contemplados pela minha abordagem destacam algumas das maneiras pelas quais diversos grupos sociais são desqualificados e estigmatizados desproporcionalmente por seus modos de vida poliamorosos em sociedades amatonormativas, ampliando, assim, as contribuições de estudiosos/as queer, feministas e dos estudos críticos da raça sobre as conexões entre normatividade, poder e privilégio.

[10] Em capítulo no prelo intitulado *What is Sex Stereotyping and What Could Be Wrong With It?*, a ser publicado no Bloomsbury Companion to Analytic Feminism, Adam Omar Hosein sustenta que devemos adotar uma postura pluralista quanto à estereotipação, de modo a captar todos os danos morais e políticos pertinentes. Concordo com Hosein e, em linhas gerais, sou pluralista quanto aos estereótipos. Todavia, recorro à caracterização de Blum (2004), porque ela ilumina de modo preciso as dimensões normativas tanto dos estereótipos quanto da estereotipação. Embora algumas abordagens admitam a existência de associações não problemáticas, na formulação de Blum (2004), algo só conta como estereótipo se apresentar algum vício, moral ou epistêmico. Nota de tradução: adotamos "estereotipação" para verter *stereotyping* e "estereótipos" para *stereotypes*, preservando o contraste analítico entre conteúdo (atribuições cristalizadas) e processo (práticas de produção, circulação e reforço dessas atribuições). Em português, "estereotipação" é uso corrente na psicologia social e nos estudos da linguagem; evitamos alternativas como "estereotipificação" ou "processo de estereotipar" por menor consagração e fluidez estilística.

(cc) BY-NC-SA

Amatonormatividade

As filósofas feministas Elizabeth Brake (2012) e Carrie Jenkins (2017) destacaram tanto a pervasividade da amatonormatividade quanto os danos correlatos impostos a pessoas e grupos por ela excluídos, como amigos, pessoas solteiras e pessoas poliamorosas. Nos Estados Unidos, por ser a amatonormatividade o pressuposto dominante acerca do que conta como relacionamento romântico legítimo, ela funciona como pano de fundo predefinido com a qual os demais relacionamentos românticos precisam ser comparados. Como resultado, vínculos que se desviam do roteiro social predefinido para os relacionamentos românticos são socialmente estigmatizados, e seus participantes passam a ser vistos como "outros" problemáticos nas discussões sobre o amor romântico, por exemplo, pessoas poliamorosas têm seus relacionamentos tratados como de segunda ordem e não dispõem de arranjos matrimoniais que correspondam aos seus arranjos românticos.

Nos Estados Unidos, a amatonormatividade é predominante e trabalha para privilegiar indevidamente alguns indivíduos em detrimento de outros. Pensando no contexto americano, Brake (2012) diz que "a discriminação amatonormativa é amplamente praticada" (Brake, 2012, p. 88-89). Na mesma linha, Jenkins (2017), que também é poliamorosa, escreve que "a amatonormatividade é tão difundida que é mais ou menos invisível, exceto para as pessoas que ela mais afeta mais diretamente" (Jenkins, 2017, p. 142). Como a maioria das formas de privilégio social, sua presença esmagadora a torna praticamente imperceptível para aqueles que a aderem e se beneficiam dela. Para aqueles afetados negativamente pela amatonormatividade, sua existência é difícil de ignorar. Segundo Brake (2012), quando discriminamos com base em juízos falsos assentados nesses pressupostos, incorrermos em um erro moral, pois isso "privilegia indevidamente o relacionamento amoroso central, diádico, exclusivo e duradouro, associado — mas não limitado — ao casamento" (Brake, 2012, p. 90). Seguindo essas filósofas, a seguir examino alguns dos privilégios e custos associados à amatonormatividade, em um esforço de calibrar nossa compreensão do que ela é e de como opera, em termos gerais, na sociedade estadunidense.

Conforme Brake (2012), os relacionamentos amatonormativos são diádicos, românticos, duradouros e de importância central na vida dos envolvidos. Por vezes, estão associados ao desejo de casamento, mas não necessariamente. Por exemplo, fora do matrimônio, relacionamentos românticos monogâmicos são socialmente reconhecidos como legítimos de um modo que os relacionamentos românticos não monogâmicos não

(cc) BY-NC-SA

o são. Brake (2012) afirma que casais que mantêm um relacionamento amoroso duradouro, mas se abstêm de sexo, mantêm domicílios separados ou preservam patrimônios separados, ainda assim podem ser reconhecidos como parceiros amorosos.

É importante ressaltar que o grau em que as pessoas podem receber privilégios amatonormativos depende do reconhecimento social, em especial, o reconhecimento de seu relacionamento romântico por outros como legítimo. Como o sexo, os arranjos de moradia e o envolvimento com a propriedade podem ser considerados como pertencentes à dimensão privada dos relacionamentos românticos, há um sentido em que os casais ainda podem se apresentar e ser reconhecidos socialmente como parceiros românticos, desde que seu relacionamento seja aparentemente amoroso, duradouro e central para suas vidas. Brake (2012) observa que essas três condições são conjuntamente suficientes para a obtenção dos benefícios da amatonormatividade, ao passo que nenhuma delas é suficiente isoladamente. Por exemplo, um caso amoroso breve de verão ou um relacionamento extraconjugal não seriam privilegiados; e amizades podem ser centrais e duradouras, mas não são privilegiadas. Mais uma vez, revela-se fundamental o fato de que o privilégio da amatonormatividade depende de ter o relacionamento romântico reconhecido pelos demais.

Os relacionamentos amatonormativos são indevidamente privilegiados em relação a outras formas de relacionamentos amorosos e de cuidado, como os poliamorosos e as amizades. Brake (2012) escreve que as amizades e as redes de cuidados com adultos não recebem a importância social dos casamentos ou de relacionamentos semelhantes ao casamento, apesar de serem (pelo menos) tão centrais, amorosos e carinhosos quanto as relações que a amatonormatividade privilegia. A distinção que a autora faz entre amizades e outros tipos de redes de cuidados com adultos é reveladora. Pode-se pensar que a discriminação amatonormativa é justificável contra as amizades porque elas não são sexuais, mas claramente a presença de uma dimensão sexual não é o problema, já que ela também discrimina os relacionamentos poliamorosos que podem ser sexuais.[11] Ao não receber a mesma importância social dos relacionamentos amatonormativos, os

[11] Como o tema deste artigo é o poliamor, restrinjo, para esse fim, meus comentários ao corpo do texto. Contudo, cabe salientar que relegar as amizades à irrelevância pelo fato de não serem relações românticas ou sexuais talvez seja a manifestação mais crassa e ostensiva de amatonormatividade que se possa oferecer, uma vez que amizades podem ser — e frequentemente são — relações significativas, importantes e amorosas, sem sentimentos românticos ou sexo. Sem a devida reflexão, essa objeção descarta essa possibilidade de imediato, a serviço de promover, de modo inconsciente, a amatonormatividade. Em última instância, isso endossa um argumento em favor da importância das relações amatonormativas com base no fato de que a amizade não é uma relação desse tipo.

(cc) BY-NC-SA

relacionamentos poliamorosos não são reconhecidos pelos relacionamentos monogâmicos, e seus participantes julgados como imorais simplesmente por seus relacionamentos não conformes, enfrentam discriminação. Nos Estados Unidos, essa discriminação é política e social.

O direito matrimonial sustenta a amatonormatividade à medida que ela opera de modo compulsório, porque as relações diádicas são social, política e economicamente incentivadas por meio do casamento. Socialmente, a amatonormatividade é mantida pela propagação de representações do amor romântico como algo vivido entre duas pessoas. Por exemplo, todos os filmes de uma lista publicada em 2013 pela Televisão Negra de Entretenimento (Black Entertainment Television – BET), que afirma elencar os "Os 25 melhores filmes de amor negro", tratam de casais monogâmicos heterossexuais.[12] Uma lista de 2018 publicada por Blavity.com, um veículo digital que busca "apoiar econômica e criativamente os *millennials* negros na Diáspora Africana", que afirma catalogar "14 dos maiores filmes de amor negro de todos os tempos", da mesma forma, representa apenas casais monogâmicos heterossexuais.[13] No Twitter e no Instagram, as hashtags #AmorNegro (#BlackLove) e #Metasderelacionamento (#Relationshipgoals) lembram que as mídias sociais tampouco estão isentas dessa cobrança, já que cada uma delas é largamente povoada por imagens e narrativas de díades românticas como o ideal ao qual todos deveríamos aspirar. Essas representações da mídia tornam-se imagens controladoras de como a heteromasculinidade afro-americana é definida. Ao fazê-lo, elas também definem quais formas de heteromasculinidade afro-americana são marginais (Patricia Hill Collins, 2004).

Muitos modos de discriminação jurídica estão atreladas à instituição do casamento que, em seu estado atual, existe apenas para proteger casais. As formas de proteção que pessoas monogâmicas recebem por meio do casamento têm um custo para pessoas poliamorosas, que vão de políticas habitacionais discriminatórias a penalidades legais por adultério e operam para perpetuar desvantagens sistêmicas para quem é poliamoroso (Brake, 2012). Nos Estados Unidos, "traição" no casamento é passível de multa ou prisão em 21 estados (Joli Lee, 2018). Pessoas poliamorosas também têm suas oportunidades econômicas perdidas, já que "pessoas casadas ou anteriormente casadas qualificam-se

[12] Ver: BLACK ENTERTAINMENT TELEVISION. Top 25 best black love films. *BET*, New York, 2013. Disponível em: https://www.bet.com/shows/bet-star-cinema/photos/2013/10/top-25-best-black-love-films.html. Acesso em: 15 maio 2018.

[13] Ver: ROBINSON, Valerie. 14 of the Greatest black love movies of all time. **Blavity**, [*s. l.*], Feb. 13 2016. Disponível em: https://blavity.com/15-greatest-black-love-movies-time. Acesso em: 15 maio 2025.

(cc) BY-NC-SA

para pagamentos da Previdência Social dos EUA com base no emprego do cônjuge [e] trabalhadores casados recebem pacotes de benefícios significativamente melhores quando estes incluem plano de saúde para cônjuge a custo reduzido" (Brake, 2012, p. 94).

Outro aspecto da discriminação enfrentada por elas é o social, que inclui estereotipação e julgamentos avaliativos sobre seus relacionamentos. Como vínculos poliamorosos não são tratados como socialmente significativos do mesmo modo que os relacionamentos amatonormativos, frequentemente são vistos como algo que não oferece boas razões sociais para que se reconheçam tais relações como legítimas (Brake, 2012). Jenkins (2017) aborda esses julgamentos a partir de sua própria experiência ao dizer:

> Para nós, o estigma e a rejeição social que cercam a não monogamia trazem custos difíceis de mensurar. O pai do meu namorado se recusa a falar com ele sobre qualquer coisa além do clima até que ele termine comigo. Estamos juntos há anos e eu nunca conheci nenhum dos familiares dele (Jenkins, 2017, p. 134).

Jenkins (2017) também fala dos custos psicológicos:

> É impossível evitar o impacto psicológico da amatonormatividade — a ideia de que, se você não está em amor romântico, ou ao menos procurando por isso, então está vivendo a vida do jeito errado. Embora eu discorde disso ao nível intelectual, é difícil desfazer a atitude internalizada (Jenkins, 2017, p. 103).

Em minhas próprias experiências, fui rotulado como imaturo, com problemas de compromisso ou como promíscuo, com base na minha identidade poliamorosa. Além disso, familiares e amigos não reconheceram a importância do rompimento com parceiros, recusando-se a aceitar esses eventos como motivos de tristeza ou luto, da forma como ocorre com meus colegas amatonormativos. Em vez de demonstrar empatia diante da perda amorosa, afirmavam, em termos normativos, que eu "não deveria me sentir mal" porque posso ter outros parceiros em quem "me apoiar" ou a quem recorrer.

O leitor pode tirar algumas conclusões dessa atitude específica. Em primeiro lugar, para alguns amantes, amar é existir em um relacionamento de experiências compartilhadas de certa qualidade com seu(s) parceiro(s), o que promove a intimidade. Como o amor exige abertura e vulnerabilidade, sempre que amamos nos abrimos para a possibilidade de experimentar a angustiante dor de perder nossos amados, seja por morte ou pelo término de um relacionamento. A crença de que os poliamorosos deveriam ser impermeáveis a essa experiência de luto porque têm vários relacionamentos românticos

(cc) BY-NC-SA

é, no mínimo, insensível.[14] Mais ainda, a insensibilidade expressa um imperativo impossível ao reduzir a humanidade dessas pessoas e, ao mesmo tempo, nos convoca a ser muito mais do que humanos. Note também que não sou o único afetado: a suposição de que outro parceiro pode — ou mesmo quer — realizar trabalho emocional em nome de um ex-parceiro reduz sua agência ao tratá-lo como objeto substituível, cuja função seria nada além de cumprir esse papel de parceiro.

No que se refere aos estereótipos impostos a pessoas percebidas como não monogâmicas, Jenkins (2017) discute as formas pelas quais mulheres que violam "a norma da monogamia romântica são comumente policiadas por meio do mecanismo do *slut-shaming*" [prática de envergonhar e punir mulheres por suposta promiscuidade sexual] (Jenkins, 2017, p. 138). Ela prossegue indicando uma assimetria percebida entre as penalidades impostas às mulheres em contraste com aquelas impostas aos homens por violações da norma romântica da monogamia.

> *Slut-shaming* impõe uma penalidade maior às mulheres do que aos homens; chamo isso de "fenômeno *slut* versus *stud* (vadia *versus* garanhão)". Não é difícil pensar numa lista longa e "criativa" de palavras que depreciam especificamente mulheres promíscuas. Mas que termos depreciam homens promíscuos? "Don juan" (*Rake*) ou "cafajeste" (*Cad*) soam como o anti-herói elegante de uma história de P. G. Wodehouse. **"Playboy"[15] ou "pegador" soa como alguém que se diverte.** "Cafetão" é um homem que controla/gerencia trabalhadoras do sexo, não alguém promíscuo em si. Nunca ouvi ninguém usar "gigolô" na realidade. "Galinha" é explicitamente uma versão masculinizada de uma palavra feminina. "Mulherengo" talvez seja o melhor candidato, mas, embora pejorativo, não tem a força insultuosa de "vadia" (em parte porque remete a uma atividade, não a uma identidade). E não conheço palavras que, em geral, sirvam para elogiar mulheres promíscuas de modo comparável a como "garanhão" é usado para homens (Jenkins, 2017, p. 139, grifo nosso).

[14] Gostaria de ressaltar que é plausível que algumas pessoas se sintam assim quando os pais perdem um, dois ou mais irmãos, mas duvido muito que cheguem a ponto de dizer isso em voz alta. Agradeço a Daniela Cutas, a editora, por seus comentários, que me ajudaram a entender esse ponto.

[15] Nota de tradução: no inglês norte-americano, "playboy" indexa um arquétipo cultural de homem jovem, abastado e hedonista, socialmente associado a estilo de vida luxuoso e disponibilidade sexual — um "libertino de alta renda", popularizado pelo imaginário midiático do pós-guerra (por exemplo, a marca/revista Playboy). Trata-se, portanto, de um signo simultaneamente classificado (classe/consumo) e sexualizado (conduta libertina), com forte valoração de masculinidade elitizada. Em português do Brasil, embora a forma playboy tenha sido incorporada como empréstimo lexical, sua saliência semântica desloca-se: predomina a leitura socioclassista (o "filhinho de papai", riquinho/mauricinho, ostentatório, pouco afeito ao trabalho), sem que a dimensão sexual seja necessariamente pressuposta. Essa ressemantização torna a equivalência direta ambígua: o leitor brasileiro tende a ativar mais a posição de classe do que o desempenho sexual. Para evitar ambiguidade, nesta tradução mantivemos o termo em inglês, na acepção norte-americana: playboy (libertino abastado).

(cc) BY-NC-SA

O que Jenkins (2017) chama de "fenômeno *slut* versus *stud*" (vadia *versus* pegador) sugere que não existe termo que deprecie o comportamento não monogâmico de homens. Na seção seguinte, concentro-me em um player que assume um significado social distinto quando interpretado em outra comunidade linguística. Observando o inglês afro-americano (Smitherman, 1977 Lisa J. Green, 2002; H. Samy Alim; Geneva Smitherman, 2012), podemos acessar o significado social de "player" a partir de um ponto de vista interno à comunidade afro-americana — um ponto de vista que escapa ao escopo do fenômeno vadia *versus* pegador, tal como descrito por Jenkins (2017). A meu ver, a palavra "player" de fato funciona para desqualificar homens afro-americanos poliamorosos por violações da norma da monogamia romântica. Focar em como "player" opera entre falantes afro-americanos levanta questões mais amplas se há mais estereótipos gerados de modo peculiar na interseção entre identidades racial, relacional-romântica, de gênero e sexual.

Não quero mais ser um 'player' (*pegador*)

Tanto Mimi Schippers (2016) quanto Pepper Mint (2004) discutem a relação tênue entre traição e monogamia. Nos Estados Unidos, a traição pode, de modo plausível, ser compreendida como uma transgressão a uma expectativa de exclusividade em alguma dimensão do relacionamento romântico (geralmente sexual ou afetiva). Para Mint (2004, p. 59-60), "a monogamia precisa da traição de um modo fundamental. Além de funcionar como o oposto demonizado da monogamia, a marca do traidor é usada como ameaça para pressionar indivíduos a se conformarem a comportamentos monogâmicos e a aparências monogâmicas".

Tal como os negativos fotográficos funcionam no papel fotográfico, narrativas de traição — retratos moralmente inaceitáveis de um parceiro que mantém um caso extraconjugal (sexual ou não) sem o conhecimento ou consentimento do outro — servem como a imagem negativa contra a qual se constrói a imagem positiva. Elas fixam quem trai como personagem de uma "peça teatral de moralidade", na qual o traidor "desempenha o papel cultural comum do outro demonizado, uma régua com a qual as pessoas 'normais' medem sua moral" (Mint, 2004, p. 58-59). Para Schippers (2016), essas narrativas perpetuam o poder hegemônico, pois aqueles que se desviam das estruturas socialmente aceitas dos relacionamentos românticos "são punidos coletiva e publicamente, [e] outros são desencorajados a adotar tal comportamento" (p. 43). As

(cc) BY-NC-SA

narrativas de traição, assim, tornam-se mecanismos importantes de sustentação da amatonormatividade, deixando a monogamia como a norma hegemônica incólume.

No inglês afro-americano (AAE), o termo "player" (com a variante "playa") costuma denotar algo problemático nas identidades românticas — e às vezes sexuais — de homens.[16] A frequência de seu uso na cultura afro-americana foi documentada por dicionários de AAE. Por exemplo, em *African American Slang*: A Linguistic Description (Gíria Afro-Americana: Uma Descrição Linguística) Maciej Widawski (2015) lista as duas variantes — "playa" e "player" — e as define como "um mulherengo que tira vantagem das mulheres". Ao contrário do que fenômeno *slut* versus *stud* (vadia *versus* pegador) nos levaria a crer que "player" é uma identidade construída pela prática do *womanizing*, isto é, portar-se como mulherengo (Maciej Widawski, 2015). Antes de avançar, contudo, gostaria de pontuar que conotações associadas ao uso do termo no AAE também aparecem no *Urban Dictionary* (Dicionário Urbano), ferramenta colaborativa on-line que reúne significados sociais que permite aos leitores postar verbetes e votar nos já existentes. Ali, constam 49 definições, que vão de "infiéis/traidores" a "estupradores".[17] A terceira definição mais bem ranqueada para "playa" (que é a primeira a tratar de relacionamentos românticos) tem mais de 1.500 votos de "joinha" e diz:

> Um homem que usa mulheres para sexo ou outros favores, conquistando geralmente a garota até ela se apaixonar por ele. Muitos caras fazem isso para ser um "playa", porque, na nossa sociedade moderna, é (para idiotas babacas) "legal" e "descolado" ser rotulado como "playa". A versão feminina disso seria uma "vadia" (Playa, 2004).

Receber esse rótulo também é associado a ser um "ofensor do amor", "escandaloso", "flertador impulsivo", "manipulador por interesse próprio", a "ter vários filhos 'ilegítimos'", a "ter múltiplos parceiros românticos", a "fazer sexo com muitas pessoas", "promíscuo", "conquistador", "playboy", "paquerador" e um "cachorro". Assim, o significado social de player é negativamente valorado como o de um "mulherengo" e é relativamente disseminado.

Em sociedades patriarcais, ser player também carrega avaliações positivas, de tal modo que alguns homens podem muito bem querer ser vistos dessa maneira, já que muitas

[16] Digo "às vezes sexual" porque, é importante notar, o sexo não é essencial ao romance. Algumas pessoas deixam de ter relações sexuais com seus parceiros; outras nunca as tiveram, como às vezes ocorre com pessoas assexuais.

[17] Ver: PLAYA. *In*: URBAN Dictionary. San Francisco, CA: Urban Dictionary LLC, 2004. Disponível em: https://www.urbandictionary.com/define.php?term=playa. Acesso em: 15 maio 2018.

(cc) BY-NC-SA

pessoas consideram isso "legal". Aqui, encontramos uma complexidade que não aparece com o termo *slut* (vadia). Assim, temos uma oportunidade singular para pensar como amatonormatividade, patriarcado e heteronormatividade convergem e produzem as condições para tal aspiração.

A heteronormatividade e a amatonormatividade reforçam a ideia de que a relação adequada entre homens e mulheres é diádica, exclusiva no plano romântico e sexual: um homem para uma mulher. O desvio passa, então, a ser caracterizado pela violação dessas normas e, como resultado, há uma necessidade sentida em ocultar as transgressões quando ocorrem. Além disso, o patriarcado é organizado socialmente para favorecer homens e exercer poder sobre mulheres. Como aponta Jenkins (2017), em relação a não monogamia e à promiscuidade (sem as confundir), quando mulheres violam essas normas, são sancionadas por atitudes morais negativas, isto é, "slut" (vadia).

Entretanto, o patriarcado permite que homens não sejam sancionados pelo que as mulheres são. Tal assimetria aparece na maneira como player posiciona homens em relação às mulheres: a distinção de poder é entre "o player" e "a played" (isto é, o homem como "jogador" e a mulher como aquela "feita de joguete"). A linguagem sugere competição, em que homens são os que jogam "o jogo" e mulheres são apenas "jogadas", o que também traz conotações desrespeitosas de manipular muitas mulheres. Assim, homens são gratificados ao jogar "com sucesso" — enganando e manipulando mulheres sem serem descobertos — e ostentam esse privilégio masculino.

Ainda que não aspirem a ser players, há pessoas que de fato têm condutas corretamente associadas a esse rótulo". Ou seja, prática não monogâmica ou envolvimento extradiádico às vezes pode ser algo inadequado. Para quem segue normas amatonormativas e está em relacionamentos monogâmicos, há uma expectativa disseminada de exclusividade sobre diferentes dimensões do vínculo, geralmente sexual e emocional. Essas expectativas de exclusividade surgem de modos diversos. Às vezes, pessoas que consideram iniciar um relacionamento romântico cocriam explicitamente as fronteiras do vínculo por meio de conversa. Muito mais frequentemente, porém, essas fronteiras não são discutidas e recorremos às normas de namoro da sociedade para "preencher as lacunas". Transgredir uma expectativa mutuamente reconhecida de exclusividade no relacionamento romântico é trair, engajar-se em prática não-monogâmica ou senão em envolvimento extradiádico de forma não consensual. No entanto, é importante obter esse consentimento tão central para a não monogamia.

(cc) BY-NC-SA

O glossário de Widawski (2015) oferece os seguintes exemplos para contextualizar o termo:

> "Sou um sujeito perigoso; sou um 'player' (*pegador*)."
>
> "O Lamar é um 'playa' e tanto; eu o vi com a Nikki ontem à noite, mas sei que ele continua com a Amber; a Latasha acha que é a namorada dele. Ele está enganando todas."
>
> "Você continua com um cara mesmo sabendo que ele é 'player'?" (Widawski, 2015, p. 238).

Note, primeiro, que os exemplos que Widawski (2015) apresenta para contextualizar o termo são marcados, ao mesmo tempo, por gênero, amatonormativos e heteronormativos. Em cada exemplo, a pessoa mencionada é um homem. Embora, na prática, pessoas de qualquer gênero possam ser "player" (Smitherman, 2000), o termo, e as imagens com que costuma ser representado são comumente generificados e, em geral, referem-se a homens heterossexuais.

Acompanhando o viés de gênero, numa seção sobre imagens de controle da masculinidade negra, Patricia Hill Collins (2004) observa que "players" frequentemente miram e manipulam mulheres, trocando sexualidade por outros tipos de benefícios de interesse próprio. Quando revelei minha identidade poliamorosa a amigos, potenciais parceiras e desconhecidos, muitas vezes fui recebido com uma série de associações depreciativas listadas no Dicionário Urbano (*Urban Dictionary*); a mais comum delas, porém, tem sido "player". O ponto, então, é que, para homens afro-americanos, o rótulo é usado com frequência como forma de desaprovação e de policiamento de sua vida sexual e romântica. Seu uso principal funciona como reforço de normas sexuais e românticas ao marcar homens afro-americanos não monogâmicos de maneiras que, em uma sociedade amatonormativa, os tornam, entre outras coisas, parceiros românticos menos desejáveis, como se evidencia no terceiro exemplo.

No primeiro exemplo, vemos que a palavra às vezes carrega juízos avaliativos sobre o caráter de um homem. Ou seja, em certos casos, o rótulo "player" vem acompanhado de julgamentos morais de que se trata de uma pessoa "má". Embora o primeiro exemplo não se refira explicitamente a relacionamentos românticos, o rótulo também mobiliza juízos morais negativos quando se trata dos estilos de vida sexuais ou românticos de homens afro-americanos. A verdade é que pressupostos amatonormativos moldam e limitam aquilo que tomamos por traços centrais do amor romântico. Assim, esses pressupostos exercem função discriminatória nas discussões sobre amor romântico,

(cc) BY-NC-SA

separando artificialmente relações "legítimas" de "ilegítimas". Se você não busca o amor de modo (serial) monogâmico que conduza ao casamento e, em alguns casos, à procriação, então "não está fazendo do jeito certo" (Jenkins, 2017, p. 38).

A prática não monogâmica passa a ser tida como errada, e seus praticantes, "maus". Essas tonalidades normativas da amatonormatividade sustentam a crença de que a não monogamia é antiética, equivocadamente levando a considerar vínculos românticos consensualmente não monogâmicos como ilegítimos, antiéticos e de segunda classe. Ao rotular outros como players, "a traição é posicionada como o oposto inferior e imoral da monogamia, como se o binário monogamia/traição fosse o leque mutuamente exclusivo e exaustivo de condutas sexuais" (Schippers, 2016, p. 43).

Independentemente de outros elementos, a traição costuma envolver desonestidade e ocultação. Tanto a desonestidade quanto a ocultação associadas à traição são vinculadas à amatonormatividade de formas que dão origem à associação de "playa" a "um mulherengo que tira vantagem das mulheres" (Widawski, 2015, p. 238). Em uma sociedade onde relações amatonormativas são valorizadas, priorizadas e protegidas legalmente (via instituição do casamento), há fortes incentivos sociais e políticos para apresentar-se como algo conforme ao roteiro amatonormativo. Isso pode criar pressão social, às vezes intransponível, para que as pessoas performem e apresentem sua vida amorosa de modo amatonormativo a qualquer custo. Comunicar desejos não monogâmicos passa, então, a representar risco grave de perda — de um relacionamento, de um amor ou de um potencial parceiro romântico — para quem endossa normas amatonormativas e está em relações monogâmicas.

Como resultado, essas pressões frequentemente assumem a forma de manipulação e mentira, especialmente sobre desejos e práticas não monogâmicas. É isso que leva Deborah M. Anapol (1997) a escrever que "mentiras, engano, culpa, decisões unilaterais e compromissos rompidos são tão comuns na monogamia clássica à moda norte-americana que monogamia responsável pode soar como um oximoro" (Anapol, 1997, p. 3). Em última instância, players agem como mulherengos manipulando o campo de jogo — o "jogo" romântico, por assim dizer — mentindo e ocultando seus desejos e práticas não monogâmicas para satisfazer, ao mesmo tempo, o desejo de manter um relacionamento contínuo com a parceira e seus desejos não monogâmicos. Em outras palavras, para "ficar com o bolo e comê-lo também".

Esse agir como mulherengo aparece no segundo exemplo de Widawski (2015). Não seria controverso supor que o segundo exemplo se dá em contexto de relações românticas;

(cc) BY-NC-SA

por isso é o mais pertinente. Nele, a perspectiva em terceira pessoa do narrador reforça a ideia de que o amor romântico é central em nossa sociedade: ainda que Lamar não esteja presente, o narrador se ocupa de sua vida amorosa, sinalizando um interesse social por casos e narrativas de amor mesmo quando não são nossos casos. Aqui, Lamar é rotulado "playa" porque se presume que mantém mais de um relacionamento romântico, uma violação da norma da monogamia romântica. O narrador dá a entender que, pelo que sabe, Lamar e Amber estão em um relacionamento romântico monogâmico mutuamente reconhecido.[18] Além disso, sugere que algo no envolvimento extradiádico de Lamar com Latasha a levou a crer que ela e Lamar também mantêm um relacionamento romântico mutuamente reconhecido. Chamo a atenção para o peso normativo associado ao rótulo "playa" presente aqui: ao identificar Lamar como playa, o narrador transmite uma informação socialmente significativa: a crença de que Lamar é um homem desonesto. Sua explicação faz referência ao que se acredita ser um envolvimento extradiádico indevido entre Lamar e Nikki, além de Lamar e Latasha.

Note que a desonestidade desempenha um papel central para "players". Isto é, o envolvimento extradiádico de Lamar com Latasha e com Nikki é inadequado porque ele o oculta de Amber.[19] Como consequência, entende-se que Lamar engana Amber acerca de como ele e Latasha, e como ele e Nikki se relacionam entre si. Sustento, porém, que, como "player" conota desonestidade, é simplesmente incorreto e enganoso aplicar esse rótulo a pessoas poliamorosas.

É o envolvimento extradiádico impróprio que anima a parte *womanizing* (agir como mulherengo) da definição. A suposição de que Lamar está em um relacionamento com Amber equivale a pressupostos amatonormativos sobre a estrutura desse vínculo — a saber, uma relação exclusiva, diádica e romântica — e de que Lamar viola a norma da monogamia romântica em uma ou mais dimensões (sexual, emocional etc.). No caso dele, aparentemente a violação consiste, em parte, em ser visto em espaços públicos com uma mulher, independentemente de ela ser ou não sua parceira romântica. Nos bastidores, a amatonormatividade funciona para sustentar a suposição predefinida de que há algo moralmente problemático acontecendo com Nikki.

[18] A linguagem de "reconhecimento mútuo" empregada aqui visa a indicar em que medida, em relações dependentes de atitudes, as partes adotam atitudes compartilhadas acerca do modo de relação que mantêm entre si. Para uma discussão detalhada sobre relações dependentes de atitudes, ver: Niko Kolodny (2003).

[19] Como reconheço que alguns podem sustentar que mentiras se dão apenas por atos de fala e ignorar "mentiras por omissão", explicito meu pressuposto de que a ocultação também conta como mentira.

(cc) BY-NC-SA

Note que essa suposição não precisa ser verdadeira; homens e mulheres se encontram por vários motivos, incluindo manutenção de amizade, negócios etc. Apesar de os homens serem os alvos principais do termo depreciativo, a totalidade dos efeitos estigmatizantes de ser rotulado player não recai apenas sobre eles. Por exemplo, quando o narrador afirma *he's playin' them all* (ele está enganando todas), percebemos que a definição tem impacto estigmatizante bidirecional, pois as mulheres categorizadas como manipuladas (*played*) ou como alvos do agir mulherengo (*womanized*) são apresentadas como sem agência: Amber não recebe a consideração de ter possivelmente consentido com uma relação não monogâmica.[20] A agência é masculina e a mulher é definida em relação a ele, à la Simone de Beauvoir (2011).

É um equívoco rotular AAPM como players com base na figura do *womanizing* (agir como mulherengo). Ao organizar e explicar os contornos dos relacionamentos poliamorosos, estudiosos do poliamor invocam regularmente a honestidade e o consentimento informado entusiástico, com divulgação plena, como princípios fundacionais da teoria e da prática poliamoristas (Elizabeth Emens, 2004; Luke Brunning, 2016; Jenkins, 2017; Anapol, 1997Ann Tweedy, 2011; Jin Haritaworn; Chin-Ju Lin; Christian Klesse, 2006; Elisabeth Sheff; Corie Hammers, 2011; Schippers, 2016). Nas palavras de Elizabeth Emens:

> Para muitos polis, a honestidade é tão central ao poliamor que eles objetariam ao uso do termo poliamor independentemente de honestidade, protestando que a honestidade é um elemento definicional do poliamor" (p. 322). Poliamoristas, me incluindo nisso, "privilegiam a honestidade como fundamento de relacionamentos [poliamorosos] positivos" (Emens, 2004, p. 323).

Ademais, como a norma-padrão é a monogamia nos Estados Unidos, pessoas poliamorosas precisam enfatizar a comunicação honesta sobre seus modos de vida. Dado que a desonestidade é uma marca do que se entende por "player", AAPM não são players. A priorização da honestidade em vínculos poliamorosos constitui a base da não-monogamia consensual.

> O ideal de consentimento — de que parceiros em um relacionamento ou encontro sexual tomem uma decisão informada para participar do

[20] Em conversas com mulheres negras poliamorosas, chamou minha atenção o fato de que ter sua agência retirada dessa maneira é ainda mais depreciativo, pois elas também são estigmatizadas como "estúpidas", como tendo baixa autoestima ou como "controladas" (ou seja, sem agência). Como resultado, o estigma de "player" também atua no sentido de desestimular mulheres negras a se engajarem em relacionamentos não monogâmicos.

(cc) BY-NC-SA

> relacionamento ou encontro, incluindo saber seu contexto poliamoroso — perpassa os escritos sobre poliamor, tanto implícita quanto explicitamente. Uma ressalva, entretanto, é que embora relacionamentos poliamorosos individuais nem sempre incorporem consentimento verdadeiro, esse ideal é parte vital dos modelos relacionais aos quais poliamorosos aspiram (Emens, 2004, p. 324).

Ainda assim, a ênfase no consentimento possibilita um sentido mais robusto de agência, pois amplia a liberdade de escolher para si as normas relacionais pelas quais se deseja ser regido, e prioriza expectativas individuais, não sociais, acerca do amor romântico. Mais importante, a cultura de abertura e consentimento explicitamente encorajada no poliamor atenua pressões para ocultar desejos e práticas não monogâmicos, comportamentos característicos de 'players'.

Embora ser rotulado player possa soar como alguém que "age como mulherengo" e "se diverte muito" com isso, quando entendido a partir da perspectiva de outra comunidade linguística, e quando homens afro-americanos poliamorosos são o alvo, o rótulo se baseia numa suposição equivocada sobre relações ou encontros extradiádicos "impróprios" e pode ter efeitos depreciativos. A seguir, descrevo alguns desses efeitos, a fim de contribuir para uma visão mais detalhada da estereotipação.

Estranhamento de si

Para AAPM, o estereótipo de "player" pode — e de fato costuma acontecer — produzir efeitos duradouros. Um deles é acentuar a consciência do próprio corpo como objeto para si. Freeman (2017) explora longamente os efeitos desse dano persistente em sua análise da ameaça do estereótipo. Quando estereotipados como "players", AAPM são "tornados outros" (alterizados) de modo que "a pessoa passa a ser como um objeto para si mesma, vendo-se, vivenciando-se e compreendendo-se através da lente de estereótipos nocivos" (Freeman, 2017, p. 649).

Quando ocorre essa estereotipação, AAPM experimentam essa hiper consciência de si como "outros" de forma imposta e não voluntária — e é isso que constitui o dano.[21]

[21] Pode-se perguntar aqui em que essa alterização difere daquela dirigida a um homem branco heterossexual poliamoroso. A comparação entre as formas de alterização é ortogonal ao ponto que defendo. Se homens brancos são ou não prejudicados desse modo pouco faz, ao que parece, para deslegitimar as experiências de AAPM que têm. Contudo, enquanto homens negros tiveram historicamente seus corpos hiper vigiados e hipersexualizados de formas que não recaíram sobre homens brancos, os danos que sofrem tendem a prolongar práticas racistas, algo que não se verifica do mesmo modo quando o rótulo é aplicado a homens brancos heterossexuais poliamorosos.

(cc) BY-NC-SA

Essa experiência de ser estereotipado é involuntária, pois AAPM não escolhem ser vistos e tratados como meros objetos. Nessa medida, ela se assemelha aos danos sofridos por homens afro-americanos sob outros estereótipos que também os alterizam. Além disso, o aspecto pervasivo da amatonormatividade lhes retira o poder de alterar por si esse estado de coisas danoso. Esse estereótipo lhes é impingido pelo mundo que habitam: por normas sociais, atitudes e estereótipos ubíquos, todos oferecem à pessoa uma compreensão de si diferente daquela que teria se ocupasse uma posição social dominante (Freeman, 2017). Esse estranhamento de si dificulta a fluidez com que se navega o mundo.

O estranhamento ocorre porque existir de modo plenamente corporificado é levar a sério o corpo entendido como sujeito vivo, "o ponto de referência a partir do qual percepções e experiências ocorrem e do qual dependem quanto ao seu significado" (Freeman, 2017, p. 640). Em outras palavras, o corpo é a origem da experiência subjetiva e tem um papel no modo como constituímos nossa subjetividade. Quando AAPM são estereotipados com base em suas preferências quanto a sexo, relacionamentos românticos ou em suas identidades poliamorosas, nega-se a eles a capacidade de existir como seres plenamente corporificados, pois suas experiências subjetivas de amor tornam-se invalidadas. Eles são forçados a tomar consciência de sua existência como subordinada e inferior às demais. Isso prejudica a autoidentidade e o autovalor.

Os encontros com o estereótipo não são meramente eventos isolados; na sociedade estadunidense amatonormativa, constituem mais frequentemente experiências persistentes com as quais precisamos lidar, de um modo que aqueles que aderem à amatonormatividade não precisam. A depreciação social perpassa a vida de AAPM ao se tornar "incorporada ao cotidiano e à identidade de alguém, de modo que [se converte] em horizonte de fundo diante do qual, ou lente através da qual, a pessoa experiencia a si mesma e o mundo" (Freeman, 2017, p. 654).

Agência restringida

Rotular AAPM como players exemplifica a luta para redefinir a identidade masculina afro-americana em termos específicos e não-tradicionais – especificadamente, não se conforma ao roteiro socialmente aceito para sexo e amor romântico. Como resultado, o rótulo de "playa" restringe, não importa o quão minimamente, as agências de AAPM. Entretanto, isso não é um dado pequeno. Como escreve Freeman (2017, p. 655), "existir no mundo como ser humano é ter possibilidades abertas para si". Diante de estereótipos como "playa", as possibilidades de que alguém poder ser/tornar-se são

(cc) BY-NC-SA

preventivamente excluídas, e a pessoa deixa de poder navegar o mundo em seus próprios termos. AAPM passam a orientar-se no mundo de modos que comprometem seu potencial, pois "a possibilidade de experienciar um mundo que se apresenta como um conjunto aberto de possibilidades é obstada" (Freeman, 2017, p. 655).

Rotular AAPM como players também limita o escopo de atos e identidades sexuais e românticas que podem ter e performar.[22] O público não consegue interpretar essa performance, o que resulta em um fracasso performativo para AAPM. Aqui se evidencia a força das imagens de controle de Patricia Hill Collins (2004): chamar AAPM de players aciona a imagem de homens afro-americanos como inferiores, hiper heterossexuais e bestializados, incapazes de atingir os ideais "superiores" de branquitude e monogamia conjugal. Creio que é isso que o filósofo Tommy Curry (2014) tem em mente ao descrever como as atribuições indevidas do patriarcado branco aos homens negros criam uma distorção peculiar na compreensão do acesso que homens afro-americanos têm a poderes frequentemente atribuídos à masculinidade branca. Captando a ideia de que homens negros seriam "patriarcas (brancos) miméticos": o homem negro não nasce um masculino patriarcal. Ele é racializado e sexuado de modo peculiar, configurado como bárbaro e selvagem, imaginado como um animal violento, não um ser humano (Curry, 2014).

Schippers (2016) descreve como a monogamia está implicada e é produtora de hierarquias de gênero, raça e sexualidade, ou seja, como opera como racionalidade organizadora de regimes de normalidade e de estruturas sociais de desigualdade. Mais do que restringir a agência de AAPM, as narrativas generificadas e racializadas que contamos sobre ser "player" — em relação à traição e ao agir mulherengo — articulam "negro", "heterossexual", "relacionamentos poliamorosos" e "identidade poliamorosa" num ponto de intersecção em que respeitabilidade negra e amatonormatividade criam as condições de inaceitabilidade dos modos de vida poliamorosos de AAPM (Schippers, 2016).

Relações íntimas respeitáveis, para homens afro-americanos, são monogâmicas e conduzem ao casamento.[23] Um homem afro-americano casado contradiz a imagem de controle segundo a qual homens afro-americanos seriam incapazes de monogamia e teriam impulsos sexuais incontroláveis. Assim, a amatonormatividade está atada a uma

[22] Para uma discussão aprofundada sobre performance de identidade e identidade socialmente construída, ver: Judith Butler (1988).

[23] Vale mencionar que muitas das nações da África Ocidental das quais descendem a maioria dos afro-americanos tiveram, por longo tempo, normas relacionais não monogâmicas. O fato de o casamento ter se tornado um caminho para a respeitabilidade é resultado direto da violência colonial.

(cc) BY-NC-SA

política de respeitabilidade negra.[24] O poliamor posiciona AAPM como deficientes ante as normas respeitáveis da sociedade norte-americana embranquecida. Rotulá-los como players os posiciona, equivocadamente, como aderentes às normas amatonormativas, implicando fracasso tanto em termos de branquitude quanto de respeitabilidade, sem lhes deixar espaço para ser algo além disso. Impor uma política de respeitabilidade a AAPM obscurece sua própria política sexual — o conjunto de ideias e práticas sociais no cerne das crenças sobre masculinidade negra, moldadas por gênero, raça e sexualidade, que conformam a maneira como as pessoas se relacionam com homens afro-americanos (Collins, 2004).

A priorização da política de respeitabilidade nas relações de amor e sexo não apenas contribui para marginalizar ainda mais os AAPM, como também não leva suficientemente a sério o potencial transformador de relacionamentos poliamorosos afro-americanos (sejam intra ou inter-raciais). Tais vínculos poliamorosos têm potencial para reorientar nossa compreensão de raça, gênero e relações românticas (Schippers, 2016). Uma tríade poliamorosa composta por uma mulher e dois homens, por exemplo, nos convoca não só a repensar pressupostos amatonormativos, mas também a sexualidade enquanto mecanismo de controle e acesso dos homens sobre as mulheres, enfrentando o duplo padrão segundo o qual apenas homens — e não mulheres — "podem" ter múltiplos parceiros.

Também somos levados a repensar a participação dos AAPM na heteromasculinidade hegemônica. Enquanto a heteronormatividade é entendida como "os significados e práticas sociais, culturais e institucionalizados que conferem sistematicamente privilégios — sob a forma de status, autoridade e recursos materiais — a pessoas heterossexuais que conformam às normas sociais" (Schippers, 2016, p. 7) poderíamos dizer que ser poliamoroso seria, em vez de um estereótipo, um emblema heteromasculino hegemônico de orgulho na sociedade norte-americana. Contudo, AAPM, novamente, não participam (ou não são admitidos nessa participação). Não lhes é franqueado acesso à instituição do casamento. A legitimidade de suas perspectivas em debates sociais sobre "amor verdadeiro" é frequentemente invalidada (Jenkins, 2017). Culturalmente, tornam-se párias e passam a ser tratados como parceiros românticos menos desejáveis (como se evidencia no terceiro exemplo: "Você continua com um cara mesmo sabendo que ele é 'player'?" ("*Do you continue with a guy knowing he's a*

[24] Para um exemplo desse atrelamento, ver: Kaila Adia Story (2016).

(cc) BY-NC-SA

player?"). AAPM, então, desestabilizam, nossa compreensão do que significa ser heteromasculino.[25]

Conclusão

O fenômeno *slut* versus *stud* (vadia *versus* garanhão) sustenta que não existe palavra que deprecie o comportamento promíscuo dos homens. Ao longo deste artigo, contesto essa caracterização do fenômeno, pois o rótulo "player" tende a produzir impactos depreciativos sobre AAPM. Mostrei como a pervasividade da amatonormatividade no contexto estadunidense converge na interseção das identidades racializadas, generificadas, sexuais e românticas dos homens, criando desafios peculiares para as vidas amorosas dos AAPM. Minha análise enfrenta a necessidade de "dar conta de múltiplos fundamentos da identidade ao considerar como o mundo social é construído" (Crenshaw, 1995[26], p. 358).

Em discussões sobre poliamor e identidade poliamorosa, quando não consideramos essas interseções, restringimos o rigor das conversas acerca do poliamor e, assim, limitamos seu potencial transformador. No caso específico, argumento que rotular AAPM como players se baseia em suposições deslocadas desses sujeitos, como resultado, os desqualifica, produz estranhamento de si e constrange sua capacidade de existir como sujeitos plenamente corporificados.

Referências

ALIM, H. Samy; SMITHERMAN, Geneva. *Articulate while black:* Barack Obama, language, and race in the U.S. Nova York: Oxford University Press, 2012.

ANAPOL, Deborah M. *Polyamory*: the new love without limits: secrets of sustainable intimate relationships. San Rafael, CA: IntiNet Resource Center, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. *The Second Sex.* London: Vintage Books, 2011.

BLACK ENTERTAINMENT TELEVISION. Top 25 Best Black Love Films. *BET*, New York, 2013. Disponível em: https://www.bet.com/shows/bet-star-cinema/photos/2013/10/top-25-best-black-love-films.html. Acesso em: 15 maio 2018.

[25] Por fim, há ainda um ponto ao qual gostaria de chamar atenção. A meu ver, pessoas que se identificam como poliamorosas são *queer* na medida em que essa escolha subverte nossas formas mais normalizadas e binárias de entender o status romântico de alguém como "solteiro" ou "em um relacionamento". A queeridade poliamorosa (*polyqueerness*) abre a possibilidade adicional de "estar em vários relacionamentos", de um modo que a identidade monogâmica não permite. A fundamentação desse ponto, contudo, nos levaria demasiado longe e, portanto, ficará para outra ocasião.

[26] O autor não havia informado o ano.

(cc) BY-NC-SA

BLUM, Lawrence. Stereotypes and stereotyping: a moral analysis. *Philosophical Papers*, v. 33, n. 3, p. 251-289, 2004.

BRAKE, Elizabeth. *Minimizing marriage: marriage, morality, and the law.* Nova York: Oxford University Press, 2012.

BRUNNING, Luke. The distinctiveness of polyamory. *Journal of Applied Philosophy*, v. 33, n. 3, p. 1-19, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. *Black sexual politics*: African Americans, gender, and the new racism. New York: Routledge, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, politics, and violence against women of color. *In*: CRENSHAW, Kimberlé; GOTANDA, Neil; PELLER, Gary; THOMAS, Kendall (ed.). *Critical race theory*: the key writings that formed a movement. NewYork: The New Press, 1995. p. 357-383.

CURRY, Tommy J. Michael Brown and the need for a genre study of black male death and dying. *Theory & Event*, v. 17, n. 3, 2014. Supplement.

EMENS, Elizabeth F. Monogamy's law: compulsory monogamy and polyamorous existence. *New York University Review of Law & Social Change*, v. 29, n. 2, p. 277-376, 2004.

FREEMAN, Lauren. Embodied harm: a phenomenological engagement with stereotype threat. *Human Studies*, v. 40, n. 4, p. 637-662, 2017.

GREEN, Lisa J. *African American English*: a linguistic introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HARITAWORN, Jin; LIN, Chin-ju; KLESSE, Christian. Poly/logue: a critical introduction to polyamory. *Sexualities*, v. 9, n. 5, p. 515-529, 2006.

HOSEIN, Adam Omar. What is sex stereotyping and what could be wrong with it? *In*: GARAVASO, Pieranna (ed.). The Bloomsbury Companion to analytic feminism. London: Bloomsbury Academic, [2018?]. No prelo.

JENKINS, Carrie. *What love is and what it could be.* New York: Basic Books, 2017.

KOLODNY, Niko. Love as valuing a relationship. *The Philosophical Review*, v. 112, n. 2, p. 135-189, Apr. 2003.

LEE, Joli. In which states is cheating on your spouse illegal? *Detroit Free Press*, Detroit, 17 Apr. 2014. Disponível em: https://www.freep.com/story/life/family/2014/04/17/in-which-states-is-cheating-on-your-spouse-illegal/28936155. Acesso em: 15 maio 2018.

MINT, Pepper. The power dynamics of cheating: effects on polyamory and bisexuality. *Journal of Bisexuality*, v. 4, n. 3-4, p. 55-76, 2004.

(cc) BY-NC-SA

NOËL, Melita J. Progressive polyamory: considering issues of diversity. *Sexualities*, v. 9, n. 5, p. 602-620, 2006.

ON POLYAMORY: urfavfilosopher: (full talk part 1). Fayetteville, AR [*s. n.*], 2013a. 1 vídeo, (18 min 21 s). Publicado pelo canal Justin Clardy. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=uj9-YxGAe84. Acesso em: 17 ago. 2025.

ON POLYAMORY: urfavfilosopher: (full talk part 2). Fayetteville, AR [*s. n.*], 2013b. 1 vídeo, (18 min 41 s). Publicado pelo canal Justin Clardy. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=RlTMoFZP0fY&t=2s. Acesso em: 17 ago. 2025.

PLAYA. *In*: URBAN Dictionary. San Francisco, CA: Urban Dictionary LLC, 2004. Disponível em: https://www.urbandictionary.com/define.php?term=playa. Acesso em: 15 maio 2018.

ROBINSON, Valerie. 14 of the Greatest black love movies of all time. *Blavity*, [*s. l.*], Feb. 13 2016. Disponível em: https://blavity.com/15-greatest-black-love-movies-time. Acesso em: 15 maio 2025.

SCHIPPERS, Mimi. *Beyond monogamy*: polyamory and the future of polyqueer sexualities. New York: New York University Press, 2016.

SHEFF, Elisabeth; HAMMERS, Corie. The privilege of perversities: race, class, and education among polyamorists and kinksters. *Psychology & Sexuality*, v. 2, n. 3, p. 198-223, 2011.

SMITHERMAN, Geneva. *African American english*: from the hood to the amen corner. New York: Houghton Mifflin, 2000. [Título conforme informado.]

SMITHERMAN, Geneva. *Talkin and testifying*: the language of black America. Boston: Houghton Mifflin, 1977.

TWEEDY, Ann. Polyamory as sexual orientation. *University of Cincinnati Law Review*, v. 79, n. 4, p. 1461-1515, 2011.

WIDAWSKI, Maciej. *African American slang*: a linguistic description. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

Recebido em setembro de 2025.

Aprovado em novembro de 2025.

(cc) BY-NC-SA